

12 OUT 1977

Assembleia

A Constituinte e o caminho dos cardos

ANC 1

JOSUÉ GUIMARÃES

Do Sucursal de Porto Alegre

É possível que o MDB não possa mais esconder o esvaziamento da sua tese, com relação à Constituinte, num dos seus redutos mais fortes e atuantes, o Rio Grande do Sul. Poderão os mais apressados tirar conclusões precipitadas sobre a matéria, ligando dois assuntos que nada têm a ver entre si: Constituinte e força eleitoral. A Oposição gaúcha sabe os trunfos que tem na manga do casaco e por isso mesmo se encontra meio surpresa com a pouca repercussão sobre um problema que a Convenção Nacional achou dos mais prementes na hora atual.

A explicação, porém, deve ser buscada do outro lado da cerca, mais exatamente na posição assumida pelo governo federal que, enovelado no torvelinho da sucessão, que veio a furo antes dos prazos julgados convenientes pelo presidente, prefere resolver o impasse constitucional a seu modo, sem ter que bater à porta das urnas, uma caixinha de surpresas desagradável para os detentores do poder.

Embora em posição contrária à do governador, o eleitorado oposicionista não deixa de estar hoje mais realista do que se encontrava há alguns anos. O eleitor sabe que o jogo eleitoral passou a ser uma equação muito sibilina, com suas regras alteradas em meio da peleja. A tese da Constituinte até que encontrou boa receptividade não apenas a nível de juristas e de velhas raposas da política nacional, mas até mesmo entre o eleitor comum. O processo é perfeito quando se quer fazer com que um país retorne aos trilhos da legalidade.

Mas, nem sempre o que é lógico e indiscutível costuma ser abraçado por quem detém os remos nas mãos e se esforça por subir a correnteza, embora botando a alma pela boca. E desde o momento em que o Governo, por meio dos seus habituais e conhecidos porta-vozes, decidiu considerar a tese da Constituinte como inadmissível no atual processo brasileiro, o eleitorado todo compreendeu que, mesmo do lado certo, o melhor que teria a fazer seria mesmo abandonar o ideal por um prato de lentilhas. Seria como malhar em ferro frio, em caso contrário.

IMPOTENCIA

Essa sensação de impotência não é de hoje, mas ameaça estender-se por um tempo indefinido. Por isso mesmo o eleitor comum prefere votar na Oposição, respeita a tese levantada pelo MDB, mas por outro

lado deixa de carregar água em cestos, por achar que tem mais o que fazer. Ele sabe que quando o Governo diz não, um sinal de inteligência é buscar outro caminho. Assim, ele respeita a insistência do partido oposicionista, mas não o acompanha ao patíbulo. Para o sacrifício maior ele entende que estão mais preparados os senadores, os deputados e até mesmo os vereadores que, afinal, foram eleitos com os seus votos e que por isso mesmo dispõem de melhor carne para canhão.

O esvaziamento da tese da Constituinte, porém, não deve ser entendido como uma derrota dos objetivos maiores da Oposição, mas simplesmente como mais uma tese que se esboroa de encontro aos designios dos que não vêm com bons olhos nada que possa interferir entre as decisões de cúpula e a informe massa eleitoral, sempre tão desprezada por esse tipo de raciocínio. Certos ou errados, os líderes civis e militares do Movimento de 64 detêm o poder e tudo aquilo que dele decorre. Não será por outro motivo que sustentam o princípio da eternidade revolucionária, da perpetuidade daquilo que por princípio e até mesmo por definição deveria ser apenas transitório.

O MDB gaúcho se encontra diante de uma realidade indiscutível. Sabe que a tese da Constituinte é válida e é correta. Não deseja recuar, uma vez que está ciente de que abraçou justamente o lado certo, se alguém de fato quer que este país tenha a sua vida normalizada, que os seus poderes não entrem em conflito, que se caminhe ombro a ombro e não pelo a peito como, lamentavelmente, se tem feito até aqui, que este tipo de caminhada é possível, pelo a peito, prova-o a realidade brasileira, embora os seus resultados estejam muito aquém daquilo que, de outro modo, seria mais adequado, mais preferível. Mas entre o desejado e o possível, tudo indica que, ainda continuamos dentro desta última alternativa.

Embora discordante da tese da Constituinte, a Arena não tem sabido usar convenientemente a força de que dispõe, ou não tem podido, o que é pior. Nunca o partido governista esteve tão fracionado, tão emaranhado como agora. A medida que o relógio nada e se aproximam os tempos eleitorais, mais a Arena se enerva. Um problema, diga-se de passagem, que até se encontra mais afastado do tema eleições do que à primeira vista possa parecer. O que incomoda de fato o partido situacionista são as fúricas e tricas extra-eleitorais. Perder as eleições no Rio Grande, para a Arena, não seria sequer uma novidade digna de maiores meditações ou análises. Ela, a Arena, até que já se acostumou. O problema, o calcanhar de Aquiles da Arena, está nas indicações "vindas de cima", para os cargos de maior relevância, dentre eles o de governador. São muitos os candidatos para este cobizado "posto de sacrifício". O seu caminho está pontilhado de reivindicações e de sonhos. Para muitos está chegando a hora da retribuição, da distribuição de prêmios à fidelidade partidária, ao sacrifício de ordem

política que representa defender toda e qualquer tese do regime, seja ou não popular, fira ou não a sensibilidade dos últimos redutos eleitorais.

A GRANDE MURALHA

Mas os cargos são limitados para tão numerosos correligionários, que se julgam com direitos amplos sobre eles. Se as indicações necessitassem passar pelo crivo das urnas, por certo o número de candidatos seria bem mais reduzido. Este realmente é o ponto crucial que atenta, de momento, contra a tão desejada unidade da Arena. Mesmo quanto à disputa em torno da cadeira hoje ocupada pelo presidente Geisel poderíamos dizer que a sua antecipação começou a gerar uma série de rupturas visíveis entre vários grupos arenistas, muitos dos quais vindos de frustradas indicações anteriores, as quais só puderam agradar, evidentemente, a muitos poucos, descontentando muitos.

A GRANDE MURALHA

A tese da Constituinte, assim, embora pouca promissora no seu todo, pelo menos não desagrega a Oposição. Ela poderá constituir-se, isso sim, em mais uma frustração. Com relação à Arena, porém, o problema é outro, nada tem a ver com qualquer recuo emedebista em torno de teses que, por serem políticas e ideológicas, poderão até mesmo unir ainda mais aqueles que se encontram do outro lado da amurada, isto é, do lado de fora da grande muralha.

Do ponto de vista partidário, entretanto, o elemento corrosivo está justamente na facilidade das nomeações, numa porfiada fuga das urnas, como se estas, sim, fossem a causa de todos os males e dificuldades governamentais. Ao que parece, procurando cotornar um mal menor, a Arena preferiu de fato o árduo caminho dos cardos.

Conforme passam os dias, as semanas e os meses, o MDB sabe que deverá enfrentar não somente as urnas. O Governo, porém, começa a sentir que sempre que necessita de aumentar a quilometragem das suas linhas férreas bitoladas por um sistema que foge das urnas, usa como dormentes numerosas figuras partidárias, muitas das quais com certos vínculos notórios junto ao próprio eleitorado. Isso, como é óbvio, termina por desfigurar os seus quadros, comprometendo inclusive o seu futuro.

Este é um problema que deixa indene o MDB, mas que compromete sobremaneira o partido situacionista, que hoje dá as cartas no Rio Grande, embora comprovadamente minoria.